

Quebrando paradigmas e ressignificando práticas de ensino através da literatura nas aulas de línguas

Breaking paradigms and resignifying teaching practices through literature in language

Danielly Cristina Pereira Vieira¹

SERRANI, Silvana M. Literatura e Ensino de Língua. In: SERRANI, Silvana M. **Discurso e Cultura na Aula de Língua: Currículo, Leitura, Escrita**. 2. ed. Campinas: Editora Pontes, 2010.

Silvana Serrani possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-doutorado no Departamento de Estudos Transculturais da Universidade de Columbia, Estados Unidos. Professora no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas desde 1981, é investigadora do CNPq desde 1992, tendo desenvolvido vários projetos nos campos da Análise do Discurso, Estudos Hispânicos e Linguística Aplicada. Uma de suas obras, *Discurso e Cultura na Aula de Língua: Currículo, Leitura, Escrita*, possui importantes contribuições para reflexão sobre o ensino de línguas. Esta resenha, assim, se dedica ao Capítulo 3 deste livro, intitulado *Literatura e Ensino de Língua* no qual a autora busca refletir e ressignificar práticas de ensino relacionadas à literatura, principalmente à poesia, no contexto de ensino de línguas.

O capítulo, que possui doze páginas, é dividido em quatro partes, sendo a primeira sem título, que funciona como uma introdução ao capítulo.

Silvana Serrani começa o capítulo tratando da tendência das últimas décadas de centrar-se na perspectiva funcional/comunicativa da língua no que diz respeito ao seu ensino, o que reduziria a importância dada à literatura. Destaca de forma bem clara, no entanto, que as novas perspectivas relacionadas ao discurso vão de encontro a essa corrente, tornando a literatura mais representativa. Assim, no que diz respeito ao procedimento, a autora procura focar em cursos práticos de compreensão e produção de fala, uma vez que os alunos têm a oportunidade de realmente interagir com seus colegas e com o professor. Serrani, então,

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela UFPE e graduada em Estudos Portugueses pela Universidade de Coimbra, sendo bolsista CAPES nesse período. Além disso é ex-aluna do Colégio de Aplicação da UFPE.

ênfatisa que a disciplina de análise do discurso é interpretativa e, desse modo, assevera o valor da literatura para o desenvolvimento das aulas. Por fim, salienta a propriedade da literatura de dar prazer e proporcionar experiências únicas através da linguagem literária, o que contribuiria para sua crescente valorização com relação ao ensino de línguas materna e estrangeira. A segunda parte é o primeiro tópico do capítulo propriamente dito e intitula-se “Mitos e Preconceitos sobre o interesse pela poesia de alunos no ensino médio”. Nele, a autora discute uma experiência com jovens estudantes de 15 a 16 anos de idade em uma escola particular de São Paulo sobre o uso da poesia nas aulas de idiomas. Serrani apresentou três extratos de poemas escolhidos ao acaso (“Até a segunda ordem”, Paulo Henriques Britto, “Argentino até a morte”, César Fernández Moreno e “O Retrato” de Adélia Prado) e pediu aos estudantes que apresentassem suas impressões sobre eles. A autora traz então conclusões tidas como surpreendentes: a maioria dos alunos teve impressões positivas sobre os poemas. Costuma-se esperar que os alunos do ensino médio não possuam interesse pela poesia, mas Serrani conclui, com esse experimento, que, apesar de não se poder fazer generalizações, que exista uma valorização da poesia pelos jovens, sendo essa pesquisa essencial para quebrar o paradigma preconceituoso de que eles não compreendem a poesia como atrativa.

A terceira parte do capítulo, ou seja, o segundo tópico, intitulado “Poesia musicada em curso de formação de professor de Letras”, aborda o caso de um curso de formação prática para professores de Literatura e Linguística que a autora realizou com 24 estudantes universitários em São Paulo. O ponto-chave do experimento foi a realização de uma comparação entre a produção de trabalhos feita pelos grupos no intuito de se concluir o curso. Essa produção foi constituída por dois trabalhos, os quais uma parte dos alunos ministraria aulas de português usando poemas e outra parte teria a mesma obrigação, mas com o uso de poemas musicados. No entanto, antes de analisar as produções, foi feito um exame sobre o conhecimento das obras pelos alunos, o que proporcionou um vislumbre da realidade dos integrantes dos cursos de Letras: Serrani constata que os futuros professores de línguas não são leitores. Ficou demonstrado que os alunos eram grandes conhecedores dos aspectos estéticos e culturais dos momentos em que os poetas estão inseridos, mas poucos revelaram possuir uma relação com obras literárias em si. Posteriormente, também foi apurando uma inquietante realidade: os alunos, mesmo inseridos em um contexto que aparentemente busca uma mudança de paradigma, continuam perpetuando as ideias tradicionalistas de educação. Assim, voltando para o trabalho de conclusão do curso, foi constatado que o grupo que trabalhava com os poemas apresentou uma abordagem convencional, enfatizando descrições

genéricas usando o texto como pretexto para trabalhos gramaticais. Por outro lado, notou-se um fato curioso: o grupo que precisou trabalhar com os poemas musicados, além da gramática, trabalhou com as propriedades do som da linguagem, destacando a dimensão semântico-discursiva e a função poética geral. Essa diferença contribui, assim, para manter uma esperança de que a quebra do tradicionalismo é possível.

Na quarta e última parte, o terceiro tema, intitulado "A falta dicotomia Língua/Literatura e o cruzamento de linguagens nas aulas", Serrani reitera a preocupação em se trabalhar para não compartimentar o ensino da língua e da literatura nas aulas. Destarte, a autora sustenta sua opinião, afirmando que conceito resultantes de categorias como linguagem e discurso promove o uso de textos, sejam literários ou não, verbais e não verbais, se mesclam e se complementes no que diz respeito ao ensino de língua e literatura. Este tópico, desse modo, funciona como uma conclusão do capítulo, no qual a autora destaca a falsa dicotomia entre linguagem e literatura. Ainda neste tópico, Serrani faz uma reflexão muito útil sobre o fato de que, em seus experimentos com estudantes de letras, ela percebeu que os alunos que possuíam inclinações literárias apresentavam relutância em trabalhar a língua e, em contra partida, os alunos que gostavam de áreas linguísticas, focavam nesse aspecto. Porém, após as experimentações, foi verificado que os alunos começaram a misturar o conteúdo. Assim, Serrani termina seu texto com uma pontuação bastante válida: a falta de inter-relação entre os conteúdos nos cursos de formação de professores. Ela faz três questionamentos extremamente pertinentes para o leitor refletir: em primeiro lugar, "como propiciar projetos educativos na área de Letras em que a Língua e Literatura não sejam tratadas de forma dicotômica?", segundo "como mobilizar memórias discursivas e histórico-culturais indispensáveis para desenvolver uma maior consciência da relação linguagem/identidade sociocultural, nestes tempos, como alunos supostamente pouco motivados, de início, para a leitura de livros e documentos?" e, por fim, "será que os materiais com convivência explícita de linguagens e em diferentes suportes (...) não constituem uma porta de entrada enriquecedora, que deve ser mais aproveitada em contexto educacional, para o desenvolvimento da relação do sujeito com a linguagem, propiciando a sensibilização a diferentes instâncias expressivas?"

O texto de Silvana Serrani, portanto, é enriquecedor para todos os (futuros) professores de linguagem, por suscitar reflexões acerca de questões ainda tão presentes em nossa realidade no ensino de língua materna ou estrangeira, mas também para todos os profissionais de educação por suscitar a reflexão acerca de antigos preconceitos e abrir nossos olhos para realidades educacionais que devem ser – e já estão sendo – modificadas. Além de

funcionar como um incentivo para o trabalho intersemiótico em sala de aula – que pode ser extrapolado das aulas de língua, para todas as aulas, já que esse tipo de trabalho mostrou uma inestimável capacidade de ir além dos modelos tradicionalistas de ensino.